

## A Arte de Falar como Educador: Relato de Experiência de uma Oficina de Oratória

LIMA, Hebert Gomes<sup>1</sup>  
ROBERTO, Tatiane da Silva<sup>2</sup>  
PIZZAIA, William Cristian da Silva<sup>3</sup>  
OLIVEIRA, Ady Correa da Costa<sup>4</sup>

**RESUMO:** A comunicação é um elemento essencial na prática pedagógica, pois atua como a principal via de mediação e engajamento na sala de aula. Diante dos desafios enfrentados por professores em formação ao falar em público, este relato tem como objetivo descrever e analisar criticamente a experiência da oficina de oratória aplicada durante a Bienal de Pesquisa, Ensino, Extensão e Inovação (BIPEI). A intervenção ocorreu no Instituto Federal de Rondônia (IFRO) com aproximadamente trinta participantes, incluindo discentes e docentes vinculados ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Realizamos uma abordagem qualitativa por meio da observação participante, aplicando dinâmicas coletivas de retórica aristotélica, respiração, dicção e expressão não verbal. Observamos que a fundamentação teórica transformou a percepção dos acadêmicos, deslocando o foco da simples performance para a construção de uma fala ética e empática. Analisamos também que as dinâmicas práticas, aliadas ao uso intencional da vestimenta formal pelo ministrante, romperam bloqueios de inibição e geraram forte engajamento. Notamos, contudo, que a disposição vertical do auditório em formato de palco inibiu parte da interação, evidenciando uma falha na organização do espaço físico. Esses resultados apontam que o desenvolvimento comunicativo é uma técnica indispensável para a formação docente. Sugerem, ainda, que futuras intervenções necessitam de organização espacial horizontal e de materiais físicos de apoio para garantir a máxima eficácia na capacitação dos futuros professores.

**PALAVRAS-CHAVE:** didática; engajamento; retórica; desinibição; proxêmica.

### 1 INTRODUÇÃO

A identidade de um professor não é algo que vem pronto em um manual, sendo construída diariamente dentro da sala de aula a partir da nossa própria vivência e da forma como nos relacionamos com o ambiente escolar (Pimenta, 1996). Como acadêmicos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no IFRO,

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas, Bolsista do PIBID/CAPES (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), IFRO, *Campus Ariquemes*, hebertcellista@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas, Bolsista do PIBID/CAPES (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), IFRO, *Campus Ariquemes*, tatianedasilvaroberto@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutor em Biologia, Supervisor do PIBID/CAPES (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) E.E.E.F.M. Cora Coralina, willampizzaia338@gmail.com.

<sup>4</sup> Mestre em Biologia, Coordenadora de área do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), IFRO, *Campus Ariquemes*, ady.oliveira@ifro.edu.br.br.

percebemos que a nossa formação universitária possui um foco substancial na excelência técnica e no aprofundamento das ciências da vida; contudo, a comunicação, que é o detalhe crucial para que esse conhecimento chegue ao aluno, costuma ficar à margem das ementas formativas.

É exatamente nessa lacuna que compreendemos a importância de programas como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O PIBID não é apenas uma bolsa de estudos, mas uma ponte essencial que liga o universitário à realidade prática da escola pública logo nos primeiros anos de curso, forçando-nos a transpor a teoria; no entanto, diante desse choque de realidade, muitos bolsistas encontram dificuldades. Sabendo que a sala de aula é um espaço de interação, relembramos Paulo Freire (1996), que defende que ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar as condições para a sua produção por meio do diálogo. Muitas vezes, o professor em formação domina o conteúdo teórico com excelência, mas esbarra no medo de falar em público ou na dificuldade de estruturar as ideias, gerando um silêncio na turma que raramente significa atenção plena, mas sim uma grande desconexão.

Dessa forma, precisamos desmistificar a ideia de que falar bem em público é um dom reservado a privilegiados. A oratória constitui uma técnica e uma ferramenta de trabalho indispensável que pode e deve ser aprendida para envolver a audiência com clareza. Foi vivenciando essa necessidade na prática que decidimos estruturar este relato, cujo objetivo é descrever e analisar a experiência da oficina *Oratória na Docência: A Arte de Falar como Educador*, que ministramos na Bienal de Pesquisa, Ensino, Extensão e Inovação (BIPEI), evento que também englobou o Fórum de Pesquisa em Educação de Rondônia (FOPER). Mais do que registrar as atividades executadas, buscamos fazer uma autoavaliação rigorosa para apontar os acertos metodológicos e as falhas estruturais dessa nossa primeira intervenção, garantindo que a proposta chegue muito mais madura ao II CONENORT.

## 2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência com abordagem qualitativa e observação participante. Para guiar essa reflexão, utilizamos o pensamento de Jorge Larrosa Bondía (2002), que compreende a experiência no ambiente educativo não apenas como o preenchimento de uma carga horária, mas

como algo que nos atravessa, que nos acontece e que nos toca profundamente; logo, escrever este texto é analisar como essa oficina transformou a nossa própria visão como educadores.

A nossa aula ocorreu no mini auditório do IFRO, no Campus Porto Velho Zona Norte, contando com um público de cerca de 30 pessoas. Entre os participantes, estavam discentes de licenciatura, docentes do IFRO e professoras supervisoras das escolas estaduais da região, todos unidos pela ligação direta com as ações de melhoria da prática docente promovidas pelo PIBID.

Com uma duração de duas horas, dividimos a oficina em blocos progressivos que partiram dos fundamentos históricos da retórica até a compreensão da mecânica vocal, como a respiração e os cuidados com as cordas vocais. Na sequência, trabalhamos o uso de narrativas (*storytelling*) para prender a atenção da turma. Para otimizar o tempo e promover a integração, todos os exercícios práticos foram realizados coletivamente; assim, enquanto o ministrante demonstrava as técnicas, o grupo as executava em conjunto. Trabalhamos a vibração dos lábios e aplicamos dinâmicas de desinibição, como o alongamento da musculatura facial por meio de caretas e a articulação forçada de palavras com uma caneta presa entre os dentes.

Como recurso metodológico visual complementar, optou-se por conduzir a aula com o ministrante vestindo terno e gravata. Embora tenha havido um questionamento inicial sobre um possível exagero na formalidade, a intenção primária era gerar um debate prático sobre a imagem profissional, demonstrando aos participantes que a nossa vestimenta e a nossa postura também exercem função didática.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Desde os primeiros minutos da oficina, ficou evidente que a capacitação comunicativa é uma necessidade real e urgente nas licenciaturas. Cruzando as nossas anotações observacionais com o que os participantes nos relataram ao final da formação, dividimos os resultados em três eixos principais: a responsabilidade ética do discurso, o peso da linguagem não verbal e a influência do ambiente físico no aprendizado.



Na parte teórica, abordamos extensamente a filosofia de Aristóteles, explicando conceitos fundamentais como o Ethos (a autoridade e a credibilidade do professor) e o Pathos (a capacidade de gerar conexão emocional com os ouvintes). Essa abordagem transformou o clima da sala, fazendo o grupo compreender que a oratória vai além da performance teatral; como bem resumiu uma das alunas, a comunicação verdadeira exige empatia, sendo a capacidade de se fazer entender pelo aluno muito mais valiosa do que a mera erudição das palavras. Essa reflexão reitera que a prática docente pressupõe um compromisso ético de compreender o universo de quem está sentado na carteira (Pimenta, 1996).

A avaliação da linguagem não verbal constituiu outro ponto de grande impacto, visto que o corpo comunica constantemente e denuncia a nossa insegurança pelos gestos (Weil; Tompakow, 2015). O uso do traje formal pelo ministrante validou a teoria apresentada, levando as professoras presentes a debaterem como a aparência inicial determina o nível de interesse da turma. Complementarmente, as atividades práticas geraram excelentes resultados; o aspecto lúdico de fazer caretas e falar com a caneta na boca provocou risadas que foram essenciais para quebrar a barreira da inibição, permitindo que a turma relaxasse e participasse sem medo do julgamento.

No entanto, a avaliação crítica da experiência nos fez enxergar uma falha importante ligada à infraestrutura, cirurgicamente apontada por uma das professoras do IFRO. Como o mini auditório possuía um palco elevado em relação às cadeiras, configurou-se uma dinâmica espacial que a Proxêmica, campo de estudo que analisa como o uso do espaço físico dita as interações (Knapp, 1980), identifica como distanciadora. Aquele palco alto criou uma barreira visual invisível que transmitiu uma ideia de hierarquia, deixando algumas pessoas inibidas na hora da participação prática. Essa constatação gerou uma lição fundamental: para o II CONENORT, a estrutura será totalmente readaptada para um formato em U ou em círculo, assegurando a horizontalidade e o contato visual no mesmo nível.

Outro diagnóstico importante que fizemos referiu-se à ausência de material físico de apoio. Como transmitimos um volume elevado de técnicas em um curto período, ficou evidente a necessidade de um suporte para consulta posterior. Consequentemente, a próxima edição do curso contará com um material impresso ou digital contendo as ilustrações dos exercícios vocais e respiratórios para nortear a prática autônoma dos participantes.

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao olharmos para trás, percebemos que a vivência no evento BIPEI/FORPER atuou como um autêntico laboratório pedagógico. Resgatando Larrosa (2002), o evento superou a mera obtenção de um certificado, convertendo-se em uma experiência que moldou profundamente a nossa compreensão sobre os bastidores da docência. Constatamos que fornecer ferramentas de oratória aos integrantes do PIBID transcende o ensino da respiração diafragmática, tratando-se, na verdade, da promoção de segurança para que os futuros professores assumam suas salas de aula e construam suas identidades profissionais sem receios.

O aspecto mais valioso deste trabalho, contudo, é o exercício de humildade acadêmica ao analisar as nossas próprias falhas estruturais. Assumir que o formato elevado do palco prejudicou parte da conexão com a turma e reconhecer a necessidade prévia de um material didático de apoio configuram passos cruciais para o nosso crescimento na pesquisa e no ensino. É exatamente por absorver essas críticas e recalcular a rota metodológica que a proposta deste minicurso avança para o II CONENORT de forma muito mais testada, estruturada e preparada para impactar positivamente a formação dos novos educadores.

## **5 AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) - Campus Ariquemes, pelo suporte institucional, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento aos programas de iniciação à docência (PIBID). Registramos, de forma especial, a nossa gratidão às professoras Ady Correa da Costa Oliveira e Daniely Batista Alves Martines, cujo incentivo, apoio e presença foram fundamentais para a idealização e o sucesso desta oficina.

Por fim, registra-se o uso do modelo de linguagem Gemini (Google) como ferramenta de tecnologia assistiva para revisão ortográfica, adequação às normas da ABNT e suporte na estruturação textual deste relato

## **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, C. **A linguagem do professor**: um guia para a comunicação em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2002.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, C. **Storytelling**: aprenda a contar histórias com Steve Jobs, Papa Francisco, Churchill e outras lendas da liderança. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

GOOGLE. **Gemini**. Inteligência Artificial (Modelo de linguagem). Mountain View: Google, 2026. Disponível em: <https://gemini.google.com>. Acesso em: 2 abr. 2026.

KNAPP, M. L. **Comunicação não-verbal na interação humana**. São Paulo: Cortez, 1980.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, 1996.

POLITO, R. **Como falar corretamente e sem inibições**. 116. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. 74. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.